

## Crédito em alta e alerta para dívidas

(Zulmira Furbino)

### FESTA DAS COMPRAS



Losângela Justino diz ser uma "pessoa consumista". Sua renda é de R\$ 760 e sua despesa chega a R\$ 1,2 mil. O que autoriza a nova classe média brasileira a partir para a conquista do mercado de consumo são os dados da economia brasileira. De acordo com Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais, filiado ao Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV), existe mais sustentabilidade no movimento de ascensão social e menos problemas na concessão de crédito do que se pensava há pouco tempo. "O Brasil criou 2,4 milhões de empregos formais e isso dá segurança em relação ao consumo da nova classe média. Não há sinais de endividamento excessivo, mas é óbvio que essa situação pode não ser infinita", observa. Neri lembra que em 2004 a taxa de crédito no Brasil era de 24% do Produto Interno Bruto (PIB) e que em 2010 deve ter chegado a 49%. "O crescimento está bem acima do PIB."

Junte-se ao crescimento do crédito os dados que mostram a expansão da educação e do emprego com carteira assinada, mais as aposentadorias corrigidas pelo salário mínimo, e está dada a receita para o crescimento do bolo. Segundo pesquisa do Data Popular, a população das classes C, D e E pretendia reservar 41% do 13º salário para o pagamento de dívidas contraídas até o fim do ano passado. "Com essa medida, a pessoa pode liberar o limite do cartão de crédito que possui para a realização de novas compras parceladas", explica Renato Meirelles, sócio-diretor do instituto. O executivo lembra que uma das pessoas entrevistadas por sua equipe para o levantamento era um senhor que levava alguns cartões de crédito na carteira. "Ele não desbloqueava todos porque guardava um dos plásticos para emergências na família, como a necessidade de compra de remédios ou alimentos em uma eventual situação de aperto. Ou seja, esse senhor fazia o que consideramos uma poupança de crédito." De 2002 para 2010, os gastos dessas classes sociais com produtos como cama, sofá, armários, luminárias, tapetes e utensílios subiram de R\$ 3,1 bilhões para R\$ 17,9 bilhões, ultrapassando o consumo das classes A e B, que subiu num ritmo menor, passando de R\$ 5,9 bilhões para R\$ 15,8 bilhões. No ano passado, a estimativa era de que a classe C deveria gastar mais de R\$ 25 bilhões com a renovação da casa e com eletrônicos. "Na realidade, o bom gosto da classe C está atrelado à qualidade. Como o orçamento é restrito, eles não se permitem errar. Além disso, ela encontrou uma forma de tornar a vida confortável. O computador, por exemplo, é essencial para a educação. A geladeira e a TV atendem às necessidades da família. Por isso, essas pessoas investem", afirma Meirelles.